

EDITORIAL

O futuro do cineteatro

É preciosa a oportunidade de se reverter as tentativas fracassadas no passado para reutilizar o Cineteatro do Hospital Dr. Arnaldo Pezzuti Cavalcanti, no Distrito de Jundiapéba. Construída na década de 40, a casa de espetáculos possui o maior espaço físico da Cidade para o recebimento de público – são 800 lugares contra as 750 cadeiras do Auditório do Cemforpe, e 350 do Teatro Vasques.

Caso se cumpra, a ideia de reabrir aquele espaço para a arte e cultura, discutida pelo secretário de Estado da Cultura, Marcelo Araújo, e pelo deputado federal Junji Abe (PSD), combaterá um lastimável descaso com os pacientes e o patrimônio histórico regional, incluído entre os bens estaduais na fila para serem beneficiados pela Lei do Tombamento.

O cineteatro cumpriu papel como agente social e cultural apenas nos primeiros anos de vida quando conseguiu manter uma agenda de espetáculos, shows e filmes assistidos pelos pacientes em tratamento do então hospital-colônia dedicado aos portadores de hanseníase.

Com o encontro da cura para a doença e o fim do isolamento compulsório, os pacientes e a estrutura da "minicidade" antes mantida regamente pelo poder público foram relegados ao esquecimento.

Faltaram políticas sociais e públicas que tratassem de integrar os pacientes dali à Cidade, e vice-versa. Na prática, o isolamento e o ostracismo com aquela comunidade perpetuou-se. E os equipamentos que poderiam ter tido melhor uso, e serem usados de maneira favorável para incluir os doentes, deterioraram-se.

Imagine a importância para a comunidade de Jundiapéba e daquelas cercanias, como o Conjunto Santo Ângelo e Parque São Martinho, se ao invés de permanecer praticamente ocioso durante todas essas décadas, o cineteatro fosse integrado a um projeto cultural, contemplado com oficinas de teatro, cinema e outras manifestações artísticas e apresentações de espetáculos, de maneira gratuita e preços populares?

Houve uma e outra tentativa de reescrever decentemente a história do cineteatro. Em 88, o Governo do Estado reformou o lugar. Mas, apenas a oferta do espaço físico à população não resolve. Há de se integrar Prefeitura e Estado numa

Faltou continuidade na integração entre pacientes e o hospital Dr. Arnaldo à Cidade

empreitada como essas, com a articulação de ações culturais. Após isso, praticamente sem uso e incentivo, equipamentos e mobiliário sofreram avarias. Agora, quando o secretário Marcelo Araújo avança o desejo de conhecer aquilo de perto, renovam-se as esperanças sobre um novo futuro para o espaço.

O passado, porém, obriga a recordar a necessidade de reforçar a pressão política e participação de mais atores – comunidade, pacientes e entidades – para que a boa ideia vire realidade. Em 2007, o mesmo Junji Abe, então prefeito, levou essa luta a vários gabinetes do Governo do Estado, e ouviu promessas jamais cumpridas.

empreitada como essas, com a articulação de ações culturais.

Após isso, praticamente sem uso e incentivo,